

Benveniste e a noção de disciplina: o espaço da lingüística da enunciação

Karina Giacomelli*

Resumo – Este trabalho pretende discutir a lingüística da enunciação, considerando não o aspecto teórico, ou seja, as reflexões de autores que trabalham no campo das teorias da enunciação, mas metodológico. Buscam-se, então, questões referentes à disciplinarização de um campo do saber como possibilidade de existência dessa corrente na lingüística. Verifica-se que uma disciplina organiza-se através de movimentos de retrospectiva, delimitação e projeção do campo. É nesse sentido que se fundamenta a lingüística da enunciação a partir da consideração da obra de E. Benveniste como espaço no qual a disciplinarização desse campo encontra seu lugar legítimo.

1 Considerações iniciais

Este trabalho busca tratar aspectos referentes à lingüística da enunciação, sintagma que daria conta, segundo Flores (2001), de teorias representativas do estudo enunciativo da linguagem. Procurando estabelecer um objeto próprio a essa corrente, o autor destaca que há um eixo comum na abordagem de diversos autores (C. Bally, R. Jakobson, E. Benveniste e O. Ducrot, apenas para citar os primeiros a tratar o tema) que permite a existência de uma *lingüística da enunciação* (no singular) dentro da diversidade das *teorias da enunciação* (no plural).

Embora em concordância com essa idéia, o caminho tomado aqui não pretende passar pela consideração das teorias dos autores que trabalham essa temática (o quê, em uma primeira parte, já foi realizado por Flores, conforme indicação acima), mas considerar um outro ponto, mais metodológico que teórico. Nesse sentido,

* Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. e-mail: iverag@uol.com.br

pretende-se discutir a questão da *disciplinarização* de um campo do saber lingüístico, ou seja, como se dá a constituição dos saberes em disciplinas, dentro de uma ciência instituída.

Considerando a questão da pluralidade das teorias que tratam da enunciação, pode-se verificar que algumas possuem o status de disciplina, enquanto outras não. Assim, torna-se necessário indagar como isso acontece, ou seja, que movimentos são feitos para que um conjunto de saberes possa se disciplinarizar e outro não. Para isso, tomam-se como referencial as reflexões de Chiss e Puech¹ sobre a disciplinarização aplicando-as a uma teoria específica da enunciação, a de Benveniste. Nesse caso, não serão tratados apenas os textos tidos como canônicos da problemática enunciativa, mas todos aqueles que permitem evocar a questão da disciplina.

A hipótese que norteia esta pesquisa diz respeito à existência, na obra benvenistiana, reunida por ele mesmo no *Problemas de lingüística geral I* (publicado em 1966) e, sob sua supervisão, no *Problemas de lingüística geral II* (de 1974), de elementos que permitem a possibilidade da lingüística da enunciação através de uma representação do saber que comporta uma retrospectiva, uma delimitação e uma projeção do campo enunciativo. Dessa forma, são fundamentais sua relação com Saussure, seu objetivo de criar uma semiologia de segunda geração, que acabará por se transformar na teoria da enunciação, e seu diálogo com outras teorias, em um processo de abertura/fechamento da lingüística.

2 Enunciação e representação do saber

Sob a denominação teorias da enunciação abrigam-se vários estudos de referências heterogêneas. Assim, trabalharam com enunciação autores como Benveniste, Jakobson, Culioli, Perelman, Austin, Bakhtin entre outros de forma tão diferente quanto o são as teorias ou correntes lingüísticas das quais fazem parte. Portanto, não haveria uma teoria homogênea da enunciação no campo dos saberes da lingüística, mas uma diversidade de tratamentos de um mesmo fenômeno.

No entanto, se alguns campos conseguiram se estabelecer dentro dessa ciência, disciplinarizando-se, isso se deve menos ao rigor teórico de determinado tratamento de um certo fenômeno que seria comum a uma série de pesquisadores, mas a uma filiação

¹ Esse tema é tratado no conjunto da obra desses autores, ora pelos dois, ora por um ou outro. Os textos utilizados neste trabalho encontram-se nas referências bibliográficas.

a uma tradição teórica. Dessa forma, algumas disciplinas são plenamente reconhecidas, como a lingüística textual, a teoria de atos de fala, a análise da conversação, a semântica, a pragmática, as análises de discurso, como atestam os recentes manuais de introdução à lingüística.² Outras, porém, carecem de um espaço específico, uma vez que recorrem a quadros teóricos diversos, fazendo com que, muitas vezes, alguns autores “criem” sua própria teoria, por não encontrarem lugar adequado para o tipo de análise que estão fazendo.³

Para quem trabalha na linha enunciativa tendo como referencial os trabalhos de Benveniste ou Bakhtin a falta de um espaço delimitado é mais complexa do que para quem trabalha na linha de Ducrot, por exemplo, que pode inscrever seu trabalho tanto na semântica enunciativa como na argumentação, a partir dos estudos em lingüística textual. No entanto, ainda que, como indica Normand (1985), se possa ver nos textos de Benveniste o que permitiu o advento de uma corrente lingüística sob formas diversas que se transformou na teoria da enunciação ou na análise do discurso, não existe instituída a primeira como uma disciplina, mesmo considerando a possibilidade da diversidade ou, ao menos, de um recorte nas teorias que desse conta da enunciação, baseada nos dois primeiros autores. De onde pode-se explicar a pertinência de uma lingüística da enunciação.

Assim, nesse campo duplamente heterogêneo – um mais geral que diz respeito aos estudos contemporâneos da linguagem e outro mais específico concernente aos estudos da enunciação – como configurar um domínio próprio à lingüística da enunciação? De que forma os saberes específicos desse campo fazem com que ele seja identificado como tal? Segundo Chiss e Puech (1999), em um momento no qual o sintagma ciências da linguagem tende a substituir o termo lingüística, definir a identidade de uma disciplina é se situar entre memória e porvir, entre extensão e limites.

3 Representação do saber e disciplinarização

Para Chiss e Puech (idem), a noção de disciplina não goza do mesmo prestígio que “teoria”, “saber” ou “ciência”, pois esses termos têm seu lugar em desenvolvimentos epistemológicos recorrentes, nos quais os conhecimentos lingüísticos são avaliados a

² Como exemplo podem ser citados os dois volumes organizados por Mussalim e Bentes (2000 e 2001) e outros dois por Fiorin (2002 e 2003).

³ Pode-se encontrar, então, uma *análise dialógica do discurso* ou uma *semântica do acontecimento*, por exemplo.

partir de determinados critérios postos a partir de modelos aprovados e normatizados. São, portanto, itens de uma metalinguagem historicamente construída.

A noção de disciplina sempre aparece no bojo de uma reflexão interdisciplinar, como se apenas essa noção pudesse dar conta de toda a complexidade do conhecimento. Isso acontece, principalmente, segundo os autores porque, no campo das ciências humanas, a noção de disciplina é muito vaga, fazendo com que seu emprego remeta a um recorte dos centros de interesse e dos objetos de conhecimento. Por isso, “o ponto de vista disciplinar é o produto derivado de um reconhecimento fundamental dos saberes totalizantes” (idem, p. 15).

Trabalhar sob a noção de disciplinaridade requer que se dobrem as considerações sobre o objeto para compreender esse discurso em relação àqueles que o precederam, lhe são adjacentes, distintivos, sem que isso implique que eles lhe sejam radicalmente estrangeiros. Assim, ao mesmo tempo que se faz uma delimitação e estratificação do objeto, é necessária uma articulação a outros campos do saber. É preciso, então, um esforço de representação, no qual o que é representado transcende, em certos limites, aquilo que é enunciado sobre o objeto a conhecer. Para Chiss e Puech são essas representações disciplinares que estão sempre associadas aos processos de constituição dos conhecimentos.

Nesse sentido, o ponto de vista disciplinar coloca uma dimensão temporal de uma representação do saber: retrospectão, delimitação sincrônica do campo e projeção. Primeiro, organiza-se um campo de saber homogêneo através de filiações e afiliações, colocadas por um agenciamento da memória; em seguida, definir um objeto próprio é indexar, identificar e descrever os principais domínios da disciplina na qual o objeto encontrou seu lugar; finalmente, fixar a tarefa programática é completar, para a dimensão projetiva, a coerência retrospectiva e sincrônica da disciplina.

Assim, o ponto de vista disciplinar é caracterizado de quatro maneiras:

- em relação a um *antes*, horizonte de retrospectão no qual se inscreve a novidade teórica;
- em relação a um *depois* – horizonte de projeção em direção ao qual tende o objeto conceitual;
- em relação a um *atual*: a relação com os outros discursos dos conhecimentos, os contextos das atividades teóricas, colocando as diferenças e familiaridades no jogo das disciplinas;

- em relação a essas três dimensões reunindo as exigências de transmissibilidade, ou seja, a *didatização* da nova teoria em múltiplos estágios, sendo o primeiro implicado no interior mesmo da constituição disciplinar.

Em Benveniste, essas dimensões da disciplinarização encontram-se no que Puech (1997) define como o estilo de pensamento próprio ao autor: a problematização. Trata-se de abrir perspectivas, apontar relações, definir pontos de vista, não se satisfazendo com os recortes disciplinares testados e aprovados.

Pode-se entender, então, sob a primeira perspectiva, do *antes*, inicialmente, a sua relação com Saussure e a insistência em manter a língua como objeto próprio da lingüística.

Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos. [1963]. (I, p.35)⁴.

É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. [1958]. (I, p. 288).

Em seguida, em relação ao *depois*, pode ser destacada sua idéia de uma semiologia mais ampla à qual acabou se opondo, por força das leituras posteriores voltadas para a emergência do tratamento do objeto discurso na lingüística, sua teorização sobre a enunciação. De acordo com Normand (1994-1995), os dois últimos textos importantes escritos por Benveniste – *Semiologia da língua*, em 1969 e *O aparelho formal da enunciação*, de 1970 – são opostos. Enquanto o primeiro propõe um programa de semiologia universal que deveria se ordenar e se desenvolver sob a direção da lingüística, o segundo aponta os resultados obtidos pelas análises dos termos da *pessoa* e sugere novas pesquisas, em um movimento de abertura da ciência.

Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui. [1970]. (II, p. 90).

Ao se considerar a terceira dimensão do ponto de vista disciplinar, não se pode deixar de fazer alusão ao amplo debate de Benveniste com outras áreas de pensamento, em especial a filosofia e a psicologia. Ignorado nos meios lingüísticos, Benveniste dialoga, ao longo do tempo, com a lógica, com a filosofia analítica, com a

⁴ As citações serão sempre de Benveniste, retiradas dos textos publicados no Brasil em *Problemas de lingüística geral I* (4. ed., 1995) e *Problemas de lingüística geral II* (1989). O número no colchete refere ao ano original de publicação do texto.

pragmática e com os estudos de Lacan sobre Freud no tocante à linguagem.

Em um livro recente, *Methods in structural linguistics* (1951), Z. S. Harris criou uma espécie de codificação. [1954]. (I, p. 11).

As pesquisas iniciadas por Peirce não foram retomadas e é uma pena. É do progresso na análise dos símbolos que se poderia esperar principalmente uma compreensão melhor dos complexos processos da significação na língua e provavelmente também fora da língua. [idem]. (I, p. 13).

Em primeira instância, encontramos o universo da palavra, que é o da subjetividade. Ao longo das análises freudianas, percebe-se que o sujeito se serve da palavra e do discurso para 'representar-se' a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o 'outro' a comprovar. [1958]. (I, p. 84).

Finalmente, e relacionado não apenas especialmente a essa última, mas também às duas primeiras características do ponto de vista disciplinar, considera-se o esforço de Benveniste para a transmissibilidade, ou seja, para a didatização da sua teoria. Aqui se inscrevem os vários artigos em revistas das áreas filosóficas e psicanalíticas, bem como as entrevistas, numa quase vulgata científica de seus estudos sobre a linguagem e, principalmente, da divulgação do estruturalismo saussuriano.

Essa é a razão pela qual insistiremos sobretudo, em termos não técnicos, sobre os problemas que estão hoje no centro das pesquisas da lingüística geral, sobre a noção que têm os lingüistas sobre o seu objeto e sobre o sentido que assumem as suas gerações. [1954, publicado no *Journal de Psychologie*]. (I, p. 4).

Também aqui se concentram os esforços do autor em não apenas discutir teoria, definindo ou redefinindo o objeto da lingüística, mas propor procedimentos, métodos de análise, lexicais, sintáticos e morfológicos, culminado com os níveis da análise lingüística e o aparelho formal da enunciação. Encontra-se, portanto, no conjunto de sua obra, mais que uma teorização, uma maneira de se trabalhar com a linguagem, um ensinamento de *o quê e como* fazer. Prova disso, como afirma Flores (op. cit.), é a existência de estudos como teses e dissertações que se apropriam do aparato metodológico das teorias da enunciação em suas análises, ainda que tendo como referencial outras teorias, as quais, muitas vezes, criticam as concepções dos estudos enunciativos, o próprio Benveniste especialmente.

Segundo Puech (op. cit.), em Benveniste há uma representação da lingüística que deixa clara a concepção de ciência que guia seus trabalhos – considerações sobre o objeto, os níveis de análise, os procedimentos e o método. Assim, pensa a ciência como o lugar onde é possível se orientar, se situar, se transmitir, em um plano cultural e disciplinar.

4 Disciplinarização e lingüística da enunciação

Chiss e Puech (1995, p. 106) concebem três grandes modalidades de ancoragem disciplinar, colocadas por eles como representação da unidade e das fundações de uma disciplina: a filiação empírica, a divisão disciplinar e a refundação conceitual.

Desse modo, tem-se (1) a filiação empírica como um modo de apresentação de si da disciplina, na qual ela reivindica a continuidade a uma tradição, a uma escola de pensamento ou corrente lingüística já instaurada.

Para um lingüista que está habituado a praticar o trabalho lingüístico e que teve muito cedo, este é o meu caso, preocupações estruturalistas, é um espetáculo surpreendente a voga desta doutrina, mal compreendida, descoberta tardiamente e em um momento em que o estruturalismo em lingüística era já para alguns algo de ultrapassado. [1968]. (II, p. 16).

Segundo Normand (1994-1995), Benveniste foi tido inicialmente como continuador e intérprete de Saussure, aparecendo, na década de 60-70, como um dos fundadores do estruturalismo europeu. Posteriormente, a partir da metade dos anos 70, era visto como o lingüista que permitiria sair do estruturalismo, alargando o campo da lingüística, passando do objeto língua ao objeto discurso. Ou seja, com ele se abria a possibilidade de uma nova lingüística, com métodos e objetivos diferentes.

No entanto, o autor nunca negou o lugar da língua no estudo do discurso, definindo a dupla significância dos fatos da língua: o modo semiótico e o modo semântico para, em seguida, submeter essa divisão ao quadro *formal* da enunciação, que supõe a conversão da língua em discurso. Porém, destaca que esse mecanismo é produzido por um ato individual, o que fez com que as correntes que o tomaram como possibilidade de abertura, refutassem sua teoria, sob argumentos diversos como o papel da ideologia, do inconsciente, do outro, etc, na constituição do sujeito. Essa leitura, incompleta, porque ignora a questão do diálogo e da intersubjetividade na teoria benvenistiana, acabou por conferir a esta um esta-

tuto de inferioridade, ao mesmo tempo que promovia outras a uma suposta superioridade por considerar tais aspectos.

Desse modo, estava posta, por motivos falaciosos, a dificuldade para a disciplinarização de sua teoria e a possibilidade de instituição de outras.

Uma outra modalidade, (2) a divisão, demarcação disciplinar, ou no tempo ou em sincronia, fornece a ancoragem da disciplina em uma família de disciplinas, colocando sua relação com a filosofia, psicologia, lógica, etc. para lhe dar um campo diferencial onde são possíveis sua autonomia e suas articulações.

Evidentemente, abordo o tema [a forma e o sentido na linguagem] como lingüista e não como filósofo. No entanto, é possível ver que não trago aqui qualquer coisa como ponto de vista dos lingüistas; um tal ponto de vista que seja comum ao menos a uma maioria de lingüistas não existe. [1966]. (II, p. 220-1).

Parte-se aqui da lingüística em direção à lógica. Nesse ponto, percebe-se o que poderia ser uma convergência entre disciplinas que se ignoram completamente. [1954]. (I, p. 14).

O enunciado que contém *eu* pertence a esse nível ou tipo de linguagem a que Charles Morris chama pragmático, e que inclui, com os signos, aqueles que os empregam. [1956]. (I, 278).

Como já foi colocado, Benveniste entabula todo o tempo um diálogo com outras disciplinas, mas definindo sempre o lugar da lingüística e do lingüista. Não é de outro lugar que não o de um estruturalista que ele apresenta sua teoria, ainda que mantenha uma relação, ora explícita ora não, com outras teorias.

Nesse sentido, inicialmente, podem ser citados os textos que fazem parte da primeira parte dos *Problemas: Transformações da lingüística*, nos quais o autor considera os fundamentos da lingüística e o desenvolvimento recente do estruturalismo. Segundo Normand (1994/1995), trata-se de textos de vulgarização destinados a um ensinamento com características de iniciação. A estes, a autora inclui ainda dois artigos de análise mais aprofundados que precisam ou ratificam as noções fundamentais da lingüística estrutural: *Natureza do signo lingüístico* e *Os níveis da análise lingüística*.

Em seguida, podem-se destacar os textos com os quais o autor apresenta explicitamente outras teorias, como *Observações sobre a função da descoberta freudiana* ou *A filosofia analítica da linguagem*, entre outros onde diversos pontos de vista de vários outros autores (conforme algumas citações acima) podem ser evidenciados.

Finalmente, coloca-se (3) a refundação conceitual, no qual existe a figura de um precursor como um fundador que legitima uma refundação por reapropriação/reação. A disciplina está, então, na ordem da legitimação, definindo seu objeto e o horizonte de projeção que deveria ou poderia ter.

Ora, essa lingüística renovada é em Saussure que tem sua origem, é em Saussure que se reconhece e se reúne. Em todas as correntes que a atravessam, em todas as escolas que se divide, proclama-se o papel precursor de Saussure. [1963]. (p. 49).

Pouco a pouco, através de muitos debates teóricos e sob a inspiração do *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure (1916), determina-se uma nova noção de língua. Os lingüistas tomam consciência da tarefa que lhes cabe: estudar e descrever por meio de uma técnica adequada a realidade lingüística atual, não misturar nenhum pressuposto teórico ou histórico na descrição, que deverá ser sincrônica, e analisar a língua nos seus elementos formais. [1963]. (I, p. 21).

É nesse ponto que se retoma a herança saussuriana na obra de Benveniste e seu programa de uma semiologia de segunda geração.

Segundo Normand (1996), a relação de Benveniste com Saussure o leva a um impasse, justamente no tratamento daquilo que era o maior interesse de Benveniste, a significação, segundo ele um elemento central, ainda que mal elaborado. A autora coloca, então que Benveniste procura continuar Saussure para ultrapassá-lo. Mantendo a língua como objeto da lingüística, tratando o interno, ele é fiel ao mestre, mas tratá-la em uma teoria completa requer a reintrodução do externo, da busca pela continuação da teoria presente no *Curso de lingüística geral*, ultrapassando-o.

Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante. [1966]. (II, p. 224).

Em conclusão, é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias:

- na análise intralingüística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;
- na análise translingüística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metasemântica que se constituirá sobre a semântica da enunciação.

Esta será uma semiologia de 'segunda geração', cujos instrumentos e método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral. [1969]. (II, 67).

Está colocado, nessa última citação, o modo como Benveniste vai procurar ultrapassar Saussure, a partir das próprias indicações desse último. Buscando introduzir a questão da significação em um quadro mais completo, ele propõe a dicotomia semiótico/semântico que contém a dupla finalidade de manter o interno, o intralingüístico, em uma fidelidade ao princípio saussuriano do sistema, ao mesmo tempo em que promove a abertura/ultrapassagem, no modo semântico. Porém, essa dicotomia vai dar lugar, posteriormente, à definição da enunciação no quadro formal de sua realização. Não existem, então, mais duas formas de significância, mas uma que dá lugar à outra, na conversão da língua em discurso pela apropriação do sistema pelo locutor. Como conclui Normand (idem), a ultrapassagem não é feita porque talvez seja impossível. Está mantido o lugar do fundador e o abrigo para uma refundação.

É aqui que se cristaliza a possibilidade de uma nova teoria. Benveniste a queria uma semiologia mais ampla, mas o signo perde seu lugar para o sistema em uso. Resta a língua colocada em funcionamento na enunciação, cuja realização intersubjetiva se dá no diálogo. Eis o fundamento teórico e metodológico para a *lingüística da enunciação*.

5 Finalizando

Apoiar uma lingüística da enunciação sob a ótica da teoria de Benveniste requer que as características da disciplinarização, mais do que apenas buscadas nos textos, conduzam a uma (re)leitura em uma dimensão temporal do conjunto da obra benvenistiana.

Foi necessário, então, considerar sua relação com Saussure não somente como continuação/ultrapassagem, mas, fundamentalmente, como paternidade, como a possibilidade de ancoragem em um fundador, único que poderia legitimar um novo campo dentro do instituído por ele. Esse é um duplo movimento: retorno e projeção. Retorno ao objeto língua, mas projetada como enunciação, discurso, possibilidade de novas perspectivas de estudo, que se tornariam disciplinas, com seu objeto e método próprios, ainda que partindo dessa abertura. Foi o que aconteceu com a Análise de discurso de linha francesa e o que se propõe possível aqui com a lingüística da enunciação.

Também é preciso enfocar a articulação de Benveniste à pragmática, à filosofia analítica, à lógica. Naquele momento, a lingüística tinha um papel importante nas ciências humanas. O método estruturalista se espalhava para as demais ciências e não parecia comportar mais do que havia sido delimitado por Saussure, dentro da sua própria ciência. Pensar nas relações com outros campos de conhecimento era, para Benveniste, estruturalista desde o início, mais do que uma integração a outros campos do saber, mas, como indica Puech (1999), um déficit de fundação a combater ou uma extensão a realizar na busca pela dimensão enunciativa de uma lingüística do discurso, que não pode se estender sem uma exploração sujeita a retornos incessantes.

Para se delimitar, esse novo campo precisava se articular ou não a outros, para definir seus limites e apontar interferências. A representação do novo precisava, para Benveniste, definir seu objeto próprio, identificando e descrevendo os domínios da disciplina na qual esse objeto vai encontrar seu lugar legítimo (idem, 1997). O objeto foi encontrado; a enunciação; o método também: descrever seu quadro formal; falta ainda, e não por carência de indicações na obra, a disciplina. Ela seria a *lingüística da enunciação*.

Referências

- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1989.
- . *Problemas de lingüística geral II*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- CHISS, J.-L.; PUECH, C. L. Linguistique structurale, du discours de fondation à l'émergence disciplinaire. *Langage*, Paris, n. 120, p. 106-126, dez. 1995.
- . *Le langage et ses disciplines: XIX-XX siècles*. Paris/Bruxelles: Duculot, 1999.
- FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à lingüística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- . *Introdução à lingüística: II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FLORES, V. do N. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 36, n. 4, p. 7-67, dez. 2001.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2000 e 2001. 2 v.
- NORMAND, C. Lectures d'Émile Benveniste. *Língua e Literatura*, n. 21, p. 29-46, 1994/1995.

———. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA et al. (orgs.). *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996, p. 127-152.

BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2000 e 2001. 2 v.

PUECH, C. Benveniste et la représentation de la "discipline linguistique". In: NORMAND, C.; ARRIVÉ, M. (orgs.). *Emile Benveniste vingt ans après. LINX*. Nanterre, n. especial, 1997.

———. Manuélisation et disciplinarisation des savoirs de la langue: l'énonciation. *Les Carnets du CEDISCOR*, Paris, n. 5, p. 15-30, 1999.